

O OLHAR MASCULINO SOBRE O TRABALHO FEMININO: o lar e o trabalho na perspectiva masculina¹

Márcia Karina da Silva²
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Resumo

O presente trabalho toma como objeto de estudo as relações de gênero, centrada numa perspectiva masculina. O objetivo principal deste trabalho é investigar a perspectiva masculina a cerca do trabalho feminino e a partir dessa percepção pesquisar o processo de mudança e permanência de valores masculinos, revelando as contradições desse processo presentes nos discursos dos sujeitos sobre trabalho feminino. Partimos da hipótese de que os aspectos normativos da masculinidade hegemônica se encontram em pleno processo de negociação. No entanto, as mudanças provenientes dessa negociação esbarram em resistências subsidiadas em parte por instituições sociais mantenedoras do padrão normativo da masculinidade como por exemplo a família, cujo reflexo dessa reprodução podemos observar na divisão sexual das tarefas no mundo da casa e do trabalho. Desse modo, conseguir captar o que permanece e o que muda nos padrões normativos da masculinidade, assim como os processos de negociação, é um dos desafios desse trabalho. Trata de pesquisa sem pretensão de generalização de seus resultados, realizada com uma amostra intencional e sem caráter de representatividade estatística. A Pesquisa contou com a participação de trinta homens, distribuídos entre maridos e colegas, de mulheres que trabalham na C&A Muller de Bebidas Nordeste, mais conhecida como “canhinha 51”.

Palavras-Chave: Gênero, masculinidade, mudança social

¹Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Doutoranda em Sociologia

O itinerário da pesquisa: breves considerações

Essa pesquisa é fruto de um longo processo de maturação intelectual que iniciamos a mais de onze anos atrás quando definíamos, ainda na graduação, nosso tema de pesquisa para a elaboração da monografia de conclusão do curso em Bacharel em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Na verdade trata-se particularmente do fechamento de um ciclo, porém, não do debate. Quando falo de processo me refiro a todo um itinerário acadêmico e intelectual que nos trouxe até essa proposta de estudar gênero numa perspectiva masculina. Na verdade essa era uma possibilidade que somente recentemente me coloquei. Isso porque o foco das pesquisas que até então tinha desenvolvido, tanto na graduação como no mestrado, estavam centrados numa perspectiva feminina das relações de gênero. No entanto, o processo de maturação intelectual que estes estudos sobre gênero a partir da ótica feminina nos forneceram, apontaram para a necessidade de ampliarmos o escopo dos nossos estudos nesse campo de pesquisa. Sendo assim, a partir dessa necessidade sentida com maior força na construção de minha dissertação de mestrado, elaborada no programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, onde estudávamos a conciliação do lar/trabalho na perspectiva de mulheres operárias da Indústria de beneficiamento da castanha do caju – USIBRAS (Usina brasileira de óleos e castanha) na cidade de Mossoró/RN se apresentou de forma mais clara. Naquele momento de conclusão de pesquisa senti uma enorme falta da percepção masculina sobre a mesma situação de pesquisa proposta as mulheres, uma vez que meu trabalho se propunha a analisar a percepção feminina a cerca do lar/trabalho a partir do debate teórico das relações de gênero. Constatada então a necessidade da inclusão do ponto de vista masculino para o avanço do nosso próprio entendimento e amadurecimento do debate a que nos propusera, partimos em busca de tal objetivo. É justamente nesse momento de auto-reflexão que compomos nosso objeto de pesquisa, a saber, *o olhar masculino sobre o trabalho feminino: o lar e o trabalho na perspectiva masculina*³.

Desse modo, elegemos como objetivo principal da pesquisa investigar a perspectiva masculina acerca do trânsito lar/trabalho feminino e a partir dessa percepção pesquisar o

³ Nosso trabalho não dialoga com nenhuma etnologia indígena, no entanto, pensamos em contribuir para o debate a cerca da percepção masculina. Percepção essa, aliás, que permaneceu por muito tempo ausente dos debates acadêmicos na área das relações de gênero, provocando assim uma significativa lacuna nessa área de estudo, cujo escopo seria a abordagem de ambos os gêneros, no entanto, como demonstram as pesquisas na área, a ênfase dada à percepção feminina salta aos olhos. Certamente urgências políticas e sociais desencadearam tal ênfase, visto que, dar visibilidade a mulher enquanto sujeito ou mesmo protagonista da historia, me parece foi algo almejado num primeiro momento do movimento feminista de cunho tanto acadêmico quanto militante.

processo de mudança e permanência de valores e concepções do masculino, revelando as contradições desse processo presentes nos discursos dos sujeitos sobre trabalho feminino.

A Pesquisa contou com a participação de trinta homens, distribuídos entre maridos e colegas de mulheres que trabalham na C&A Müller de Bebidas Nordeste, situada na região metropolitana do Recife/PE, mais conhecidos como “caninha 51”.

Os estudos sobre homens e a crise da masculinidade

Dito isto, podemos afirmar que a questão do masculino emergiu com força nos estudos de gênero no Brasil nas últimas duas décadas do século XX, especialmente nas discussões e análises sobre sexualidade e saúde reprodutiva, dominadas até então por mulheres (para revisões recentes da literatura brasileira e latino-americana, ver: Giffin e Cavalcanti, 1999; Vigoya, 2001; Beattie, 2002). A partir de então, segundo os estudiosos do tema, tem sido possível pontuar uma mudança de enfoque nos estudos de gênero, particularmente a partir de 1994, pós-Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, no Cairo, e pós-Conferência Mundial sobre a Mulher (Beijing, 1995), que direcionaram sua atenção para a participação masculina e a responsabilidade dos homens nas questões que afetam o cuidado com os filhos e as decisões com relação à reprodução e à sexualidade.

Recentemente, têm-se encontrado referências à diversidade dos modos de ser masculino na mídia falada e escrita (Medrado, 1997; Oliveira, 1992; Bilac 1994; Muszkat, 2000). As pesquisas nesse campo apontam que essa diversidade é fruto das mudanças sócio-culturais, econômicas e políticas que vêm ocorrendo ao longo das últimas três décadas, nas quais os movimentos feministas e homossexuais tiveram um papel importante. Sabe-se, entretanto, que na realidade das cenas cotidianas vividas pelos homens “reais”, existem ainda muitas dificuldades em colocar em prática valores de gênero recém adquiridos.

O que teria então, motivado, neste momento, um maior enfoque das ciências humanas na importância do envolvimento masculino em questões como reprodução, paternidade e sexualidade? Segundo Unbehaum (1998) esse interesse está relacionado a constatação de que a compreensão e o conhecimento das práticas masculinas podem contribuir para melhorar os resultados de programas voltados para a saúde, para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e nas decisões sobre planejamento familiar. Em parte essa demanda surge, de um lado, com a entrada das mães no mercado de trabalho, os pais foram convocados a se

ocupar dos filhos, e de outro, há indícios de desejo masculino em ampliar seu envolvimento na criação dos filhos.

As mulheres ao ingressarem no mercado de trabalho, ao ocuparem outros espaços públicos e exercer com maior liberdade sua sexualidade acabaram, de certa maneira, por ‘bagunçar’ as relações familiares e de gênero. Segundo Bruschini (1994) o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro foi uma das transformações sociais mais marcantes ocorridas no país desde os anos setenta do século passado. No entanto, o fato de, ao longo das últimas décadas, terem alcançado vários direitos, especialmente na área do trabalho, entre os quais a licença maternidade, a regulamentação do trabalho doméstico, não diminuiu, porém, a desigualdade entre homens e mulheres com relação às oportunidades no mercado de trabalho, a ocupação de cargos de comando e políticos e a igualdade salarial. Mas de certa maneira favoreceu alguma participação masculina na esfera doméstica e no cuidado dos filhos, alterando assim, os arranjos domésticos e instituindo outras formas de relação entre homens e mulheres. Na prática, podemos observar um número significativo de homens assumindo as mais diversas tarefas com as crianças e com a casa. No cinema, nos parques, nos restaurantes é sempre possível encontrar homens sozinhos com seus filhos, enfrentando situações de indisciplina, preocupados com o filho que não quer comer, perdendo o fôlego no jogo de futebol. (Unbehau, 1994).

Os dados da nossa pesquisa apontam que as mulheres têm buscado não somente ocupações remuneradas, dentro e fora da casa, mas também sua realização profissional e pessoal. De certa maneira essa atitude das mulheres tem provocado um processo de negociação que favorece o estabelecimento de relações mais igualitárias. Porém, a conquista pelas mulheres de uma relativa igualdade na esfera do trabalho, se mantém ao lado da desigualdade de gênero na esfera privada. Essa aparente contradição é reveladora de um foco de tensões: o desejo feminino em compartilhar com os homens as responsabilidades familiares se mescla ao desejo de não abrir mão de um dos poucos espaços de poder que as mulheres dispõem.

Diante dessa breve discussão a cerca do quadro geral de como vem se configurando as transformações ocorridas nos padrões de comportamento de homens e mulheres na sociedade, apontado não só pela nossa pesquisa como também por outras no campo das relações de gênero, identificamos que um dos pilares da identidade masculina tradicional é o papel de provedor que desempenha perante a família, e é a partir dessa obrigação masculina que deriva

seu papel na manutenção da autoridade moral da casa. Goldenberg (1991) constata que a aceitação por parte dos homens, da participação feminina no mercado de trabalho remunerado representou uma drástica reformulação da identidade masculina tradicional enquanto provedor da família. Isso porque como mostra Parry Scott (1990) em estudo de famílias de baixa renda no nordeste, há um enfraquecimento do papel de provedor do homem, frente ao cenário de pobreza atual. Esse enfraquecimento tem sido identificado por alguns autores como consequência das transformações sociais globais herdadas da tradição patriarcal. Ora se o poder do patriarca baseava-se em seu domínio sobre a família, que por sua vez organizava os meios de produção e a força de trabalho na sociedade rural, o advento da industrialização representou uma drástica transformação na organização familiar e conseqüentemente na sociedade onde o poder do patriarca acabou por enfraquecer-se.

Os estudos desenvolvidos por Arackcy Rodrigues (1978) e Carmem Cinira de Macedo (1979) na década de 70 do século passado, mostraram que os maridos da classe trabalhadora consideravam então o trabalho remunerado das esposas como um mal apenas temporariamente necessário, de modo que, a participação da mulher na força de trabalho remunerado era invisível historicamente, e antecedeu em muito o reconhecimento social do fenômeno ‘mulher trabalhadora’ e a transformação da (auto) identidade (Aguilar, 1983).

Com isso queremos chamar atenção para as transformações ocorridas nas práticas masculinas ainda não consolidadas, e é justamente aí que reside o maior desafio na pesquisa sobre o gênero masculino, qual seja o da mudança social, isso porque, este é um processo no bojo do qual práticas e ideologias relacionadas ao velho padrão coexistem e se entrelaçam com outras, que representam o novo (Goldenberg, 1991) O velho, mesmo ‘repudiado’ existe socialmente e é referido quando se pergunta ‘o que é ser homem’ (Nolasco, 1995). ‘O novo’, por outro lado, está no estado de vir a ser, e vários autores mencionam a falta de elaboração social e de termos adequados para nomeá-lo, além de seu possível desdobramento em mais de um padrão (Arihla, 1999) e do fato de ele depender de uma aceitação pelas próprias mulheres. Isso sugere que os estudos desses temas dinâmicos terão que lidar não somente com os estereótipos e as representações estabelecidas do que é ‘ser homem’, mas também com as posturas individuais e de grupo amplamente diferenciadas perante esses padrões (Costa, 1997).

Em outras palavras, o cenário atual a cerca das relações de gênero informado pelas pesquisas, nos mostra que na verdade estamos presenciando a construção de novos atores sociais.

Connell (1995), responsável por introduzir a idéia da inexistência de uma forma única de construção do masculino nas sociedades, defende a idéia de que as masculinidades deveriam ser compreendidas como configurações de prática, onde se levaria em conta a posição dos homens nas relações de gênero. Esclarecendo o uso da expressão “configurações de prática” diz que a ênfase deve recair nas experiências concretas presentes no cotidiano dos homens e não apenas nos comportamentos que as sociedades esperam dos homens nos diferentes contextos socioculturais. A idéia de masculinidade hegemônica, isto é, aquela de homens brancos, heterossexuais, de setores médios urbanos da população, que tenderia a se configurar como o conjunto de práticas dominantes vem sendo problematizada pelas pesquisas que tem as relações de gênero como foco. Segundo autores como Connell e Almeida, é preciso, no entanto estar atento às interpretações do tipo “super-simplista”, que tenderiam a pressupor que existe masculinidade negra ou masculinidade dos trabalhadores e assim por diante. Trata-se de reconhecer a existência de múltiplas masculinidades, onde a construção da masculinidade apareça como um projeto coletivo e individual em constante transformação, influenciando e recebendo influências de instituições e práticas.

E é justamente, nesse cenário composto de tensões entre velhos e novos modelos de poder, de hierarquias que configuram as relações de gênero, que se insere o trabalho de pesquisa que ora desenvolvemos. Onde privilegiamos o olhar masculino sobre o trabalho feminino. Com isso, acreditamos que esse olhar informado pela presente pesquisa nos possibilitou entender um pouco mais acerca das transformações ou mesmo negociações que vem ocorrendo nas relações de gênero, e em especial com os homens. Em outras palavras, perceber como tais mudanças nas estruturas das relações de gênero, provocadas em grande parte pela saída da mulher do espaço privado para o espaço público, se fizeram sentir especificamente nos homens.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Neuma. (1984) **Mulheres na força de trabalho na América Latina análises qualitativas**. Petrópolis: Vozes.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século Edições, LDA., 2000, 2ª edição.

ALMEIDA, Miguel Vale de (1996) – Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. In **Anuário Antropológico 95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

ALMEIDA, M. I. M. (1996) **Masculino/Feminino: tensão insolúvel**. Rio de Janeiro: Rocco.

ARILHA, M. (1998) Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão. In: Giffin, K. & Costa, S. (Org.) **Questões de Saúde Reprodutiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 455-467.

BRUSCHINI, C. Trabalho Feminino: Trajetória de um Tema, Perspectivas para o Futuro *In Revista Estudos Feministas*, vol. 2, n.º 3, 1994.

CONNELL, R. W. (1995) Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v.20. n.º 2, UFRS, Porto Alegre.

_____ (1995) **Masculinities**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press.

COSTA, Pedro Paulo (2006) **A construção da masculinidade**. Rio de Janeiro: IUPERJ.

COSTA, M. (1995) **Macho, masculino, homem**. São Paulo: Siciliano.

NOLASCO, S. (1993). Masculinidade: reflexões contemporâneas IN **Reflexões Líricas**, Vozes/Cultura, n.º 05, set-out, ano 87, v. 87, pp. 71-80.

_____ (1993) **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco.

GOLDENBERG, M. (2000). **O macho em crise**: um tema em debate dentro e fora da academia. Em M. Goldenberg (org.), Os novos desejos (pp. 15-39). Rio de Janeiro: Record.

SCOTT, Russell Parry. (1990) O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiência do domínio doméstico. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo. Pag.37-47.

UNBEHAUM, Sandra (1998) **As desigualdades de gênero nas relações parentais**: o exemplo da custódia dos filhos. São Paulo: ECOS/ Ed. 34.